

“Nós somos a terra viva: O pensar Kanamari”

Entrevista do líder indígena Kora Kanamari, do Vale do Javari (AM), ao Prof. Lino João Oliveira Neves, do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

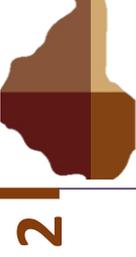
Trata-se de um vídeo com depoimento, memória e protesto de Kora Kanamari, liderança indígena do povo Kanamari que vive no Vale do Javari (AM), fronteira com o Peru, para a revista Tekoa. A revista foi idealizada pelos estudantes do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-americana e a entrevista integra o dossiê temático “resistência indígenas no ano em que o mundo parou, 2020”. O vídeo é uma produção e roteiro do Prof. Lino João Oliveira Neves, do Departamento de Antropologia (DAN) do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com edição e trilha sonora de Ana Paula Lino de Jesus (Anita Lino) Dr^a. em Antropologia Social (PPGAS/MN – UFRJ)

Kora faz parte da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA), uma organização que congrega diferentes povos em uma das regiões do Brasil com maior número de povos em isolamento voluntário, ou os “parentes autônomos” como destaca Kanamari.

Um depoimento forte que revelador das maldades da política indigenista nos últimos quatro anos, em especial quando esta política esteve acompanhada da Covid-19. Segundo Kora, a Covid-19 foi como uma bomba que caiu sobre seu povo, apesar de não ter provocado mortes ela trouxe muita destruição e traumas, que prefere não lembrar. Começa dizendo que “não queria mais falar da Covid-19 porque o impacto foi muito profundo na vida de meu povo”. Os indígenas foram acusados de transmitir a doença para a população regional, quando na verdade eles foram vítimas da ausência de políticas públicas e das maldades do governo. A equipe da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) ligada ao Ministério da Saúde, que deveria ser a primeira a zelar pela saúde do povo, não fez a quarentena e transmitiu a doença para os agentes do Polo Base local (unidade de saúde que atende a comunidade) e estes levaram o vírus para dentro da Terra Indígena.

A comunidade estava se preparando para enfrentar a pandemia de maneira muito especial. Haviam escutado os “pajés”, que nas sessões ritualísticas com ayahuasca e muita reza sabiam que estava por chegar à pandemia, já haviam previsto, alertaram que era uma doença muito perigosa, mas que se tomassem todos os cuidados não morreria ninguém. E foi o que o povo fez, tomaram as precauções, chamaram de volta para aldeia as pessoas que viviam na cidade de Atalaia do Norte, fecharam a aldeia, mas aí o governo brasileiro fez pouco caso e mandou equipes de saúde despreparados, se fosse numa guerra seria “fogo amigo” ou será que eram mesmo amigos? Enfim, essas dúvidas não são sem motivo, a Univaja sabia que o governo não tinha estratégia nem política de proteção. Segundo Kora o Estado não tomou nenhuma medida de proteção e atenção; a Sesai não tomou medidas; a Funai não tomou medidas. Fizeram justamente o contrário. Abandonaram as quatro bases da Funai que havia na região. Não foram removidas, apenas não operam mais porque não recebem mais verbas ou pessoal para atuar, “não fazem mais a proteção, não tem recurso e nem função. Aí as invasões entram com muita força. Compromete as aldeias, os parentes de recente contato como os Kurubo e os parentes autônomos da floresta”, denuncia o líder Kanamari.





Não é coincidência que essas denúncias foram efetuadas em maio de 2022 e um mês após, em 5 de junho, foram brutalmente assassinados naquela mesma região o indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips, justamente pela negligência do governo federal e pelo desmonte da presença do Estado na defesa da população indígena.

O documentário tem duração de 15m59. Produção e direção de câmara Lígia Kloster Apel e Todah Kanamari. Apoio Equipe de apoio aos povos indígenas livres/ Eapil – Cimi.

Disponível em: [“NÓS SOMOS A TERRA VIVA”](#)

